

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

RAFAEL FERREIRA DE SOUZA

Análise do fenômeno da desinformação no meio digital e uma proposta de sequência didática
sobre o tema para a disciplina de História no Ensino Fundamental

Uberlândia – MG

2025

Rafael Ferreira de Souza

Análise do fenômeno da desinformação no meio digital e uma proposta de sequência didática sobre o tema para a disciplina de História no Ensino Fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção do
título de licenciado em História

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo
Morais

Uberlândia – MG

2025

Rafael Ferreira de Souza

Análise do fenômeno da desinformação no meio digital e uma proposta de sequência didática sobre o tema para a disciplina de História no Ensino Fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção do
título de licenciado em História

Uberlândia, 2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais
(Universidade Federal de Uberlândia)

Prof.^a Ana Laura de Castro Vieira
(Mestrado Acadêmico Universidade Federal de Uberlândia)

Prof. ^a Ma. Claudiane Mara Braga Belmiro
(SEE-MG)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em História foi composto a partir de uma pesquisa sobre o universo da desinformação, com enfoque no meio digital. Ao longo do texto, aborda-se as notícias falsas, o negacionismo em suas múltiplas vertentes e o fenômeno da pós-verdade, em um esforço de compreender amplamente a epidemia desinformativa. Analisa-se, ainda, o papel das empresas conhecidas como big techs nesse contexto, conferindo destaque ao processo de formação das bolhas digitais e à instrumentalização das redes sociais por grupos políticos extremistas. O estudo também inclui algumas análises de peças de desinformação coletadas nas redes sociais. Na etapa final deste trabalho, apresenta-se relato de experiência referente ao projeto “Combate à desinformação em sala de aula”, desenvolvido ao longo das disciplinas de Projeto Interdisciplinar do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Uberlândia, bem como uma proposta de sequência didática para a disciplina de História no 9º do Ensino Fundamental, voltada ao enfrentamento da desinformação.

Palavras-chave: desinformação; negacionismo; notícias falsas; educação.

ABSTRACT

This undergraduate thesis for the History program was based on research into the world of disinformation, focusing on the digital medium. Throughout the text, it addresses fake news, denialism in its multiple forms, and the post-truth phenomenon, in an effort to broadly understand the disinformation epidemic. It also analyzes the role of companies known as big tech in this context, highlighting the formation of digital bubbles and the exploitation of social media by extremist political groups. The study also includes analyses of disinformation collected on social media. The final stage of this work presents an experience report on the project "Combating Disinformation in the Classroom," developed throughout the Interdisciplinary Project courses of the Bachelor's Degree in History at the Federal University of Uberlândia, as well as a proposed teaching sequence for the 9th-grade History course focused on combating disinformation.

Keywords: disinformation; denialism; fake news; education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – CAPTURA DE TELA. Comentário do influenciador digital Júlio Cocielo sobre Mbappé. G1- São Paulo, 2018.....	19
Figura 2 – CAPTURA DE TELA. Comentário de usuária retirado do Twitter após as eleições presidenciais de 2022. PSB Notícias, 2022.....	20
Figura 3 – CAPTURA DE TELA. Fotomontagem de Jair Bolsonaro vestindo camiseta com os dizeres “meu partido é o Brasil”. Página do Facebook de Jair Bolsonaro, 2018.....	23
Figura 4 – CAPTURA DE TELA. Panfleto publicado nas redes sociais da Jungle Alternative. Liebel, 2025.....	25
Figura 5 – FOTOGRAFIA. Nikolas Ferreira de peruca enquanto discursa na Câmara dos Deputados. Valadares, 2023.....	26

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Negacionismo: A deturpação do conhecimento científico.....	10
3. Pós-verdade: a proeminência dos afetos frente à razão.....	12
4. Big techs, redes sociais e algoritmos: os arautos da desinformação digital	15
5. Discursos de ódio e a manipulação política nas redes sociais	19
6. Projeto “Combate à desinformação em sala de aula”	28
7. Proposta de sequência didática para o combate à desinformação no Ensino Fundamental	31
8. Considerações Finais	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
APÊNDICES	50
APÊNDICE A – MATERIAIS DIDÁTICOS AULA 1	50
APÊNDICE B – MATERIAIS DIDÁTICOS AULA 2	52
APÊNDICE C – MATERIAIS DIDÁTICOS AULA 3	54
APÊNDICE D – MATERIAIS DIDÁTICOS AULA 4.....	55

1. Introdução

Vivemos no tempo presente a proeminência da era da informação, possibilitada pela massiva popularização das tecnologias digitais, em especial os smartphones, o ato de obter informações nunca foi tão fácil. De maneira paradoxal, vivemos também uma epidemia de desinformação de grandes proporções no universo digital. O maquinário desinformativo encontra respaldo nos próprios mecanismos de funcionamento do espaço digital que, através dos algoritmos, seguem a lógica da maximização do engajamento dos usuários sem qualquer preocupação quanto ao conteúdo disponibilizado.

Considerando tal cenário, a etapa teórica deste trabalho tem como objetivo apresentar um panorama geral sobre a desinformação, com enfoque nos meios digitais. Para tanto, utilizaremos a metodologia de pesquisa bibliográfica, com autores que dialogam sobre temáticas relacionadas ao universo da desinformação. Realizaremos também análises referentes a algumas peças de desinformação retiradas da internet. Ademais, utilizaremos dados qualitativos para o aprofundamento desta pesquisa.

O conceito de desinformação adotado ao longo deste trabalho será o definido por Wardle (2019): “um conteúdo intencionalmente falso e criado para causar danos”. Descartaremos, portanto, peças como notícias falsas oriundas de erros jornalísticos e pesquisas científicas com falhas em resultados, pois estes exemplos remetem a deslizes não intencionais. A característica central da desinformação é, precisamente, a intencionalidade de enganar o público. No que concerne aos objetivos por trás da disseminação de tais peças, podemos afirmar que se tratam, majoritariamente, de fins de ganho político e/ou monetário. Compreendemos que, para além das populares notícias falsas, o negacionismo, em suas vertentes histórica e científica, também se localiza na categoria de desinformação.

Desse modo, este trabalho se encontra organizado em quatro capítulos. O capítulo 1 que segue essa introdução, tratará do negacionismo, com enfoque em sua vertente histórica, buscando compreender a origem deste fenômeno e realizar a análise de algumas de suas manifestações presentes no ambiente digital. O capítulo 2 tratará do tema da pós-verdade, contando com uma breve contextualização histórica de sua origem e o reconhecimento da instrumentalização desta na política contemporânea. O capítulo 3 buscará compreender o papel das empresas big techs e suas plataformas de redes sociais na atual epidemia de desinformação nos espaços digitais. Finalizaremos a parte teórica

deste trabalho com o capítulo 4, no qual serão analisadas manifestações de desinformação realizadas pela extrema-direita nas redes sociais, em um esforço de compreender as estratégias utilizadas por grupos deste segmento ideológico para capturar os usuários das plataformas digitais.

A etapa prática desta pesquisa será apresentada nos capítulos 5 e 6, nos quais relataremos a experiência no desenvolvimento e realização do projeto “Combate à Desinformação em Sala de Aula” e sistematizaremos, a partir desta, uma proposta de sequência didática para trabalhar a temática da desinformação com estudantes do nono ano do Ensino Fundamental. As aulas desta sequência tratarão de notícias falsas, com exercícios reconhecimento destas peças e diálogos sobre a intencionalidade por trás das suas criações, além disso, abordaremos o tema do negacionismo científico, com o intuito de elucidar as conexões do capitalismo à prática de negação à ciência. A vertente histórica do negacionismo também será abordada, a partir do estudo da negação ao Holocausto buscando evidenciar suas razões políticas e ideológicas e ampliando a discussão para o presente sobre os perigos do negacionismo histórico para a democracia. As aulas serão estruturadas de acordo com as indicações de habilidades e competências específicas para o nono ano presentes na Base Nacional Comum Curricular e no Currículo Referência de Minas Gerais.¹² Com isso, espera-se oferecer aos estudantes alguns dos instrumentos necessários para o reconhecimento e o combate à desinformação.

¹ BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 4 set. 2025

² MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Currículo Referência de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br>. Acesso em: 4 set. 2025

2. Negacionismo: A deturpação do conhecimento científico

O negacionismo enquanto conceito foi popularizado pelo historiador francês Henry Rousso que em 1987, na obra *Le syndrome de Vichy* empregou o termo para se referir à prática dos grupos que abertamente negavam o genocídio cometido pelos nazistas contra a população judia e mais minorias no contexto da Segunda Guerra Mundial.³ Esses grupos justificavam suas conclusões sob o argumento de que realizavam apenas um exercício de “revisão histórica”. Ademais, se autointitulavam membros de uma “escola revisionista” para conferir legitimidade a suas atividades (Valim; Avelar, Bevernage, 2021, p. 14). Cabe salientar que o revisionismo histórico se trata de um procedimento padrão no desenvolvimento da historiografia, considerando a necessidade de incluir nos trabalhos a análise de novas fontes descobertas e referências atualizadas, por exemplo. Todavia, nesse caso, as práticas não eram revisionistas, mas sim de aberta negação a um consenso histórico amplamente estabelecido (o Holocausto).

A internet, em especial através das redes sociais, conferiu aos agentes negacionistas uma plataforma para a disseminação de seus interesses. No Brasil, talvez o exemplo mais notável da empreitada da negação seja a Brasil Paralelo.⁴ A empresa portogalegrense teve um faturamento estimado em R\$150 milhões em 2022 (Exame, 2023). As produções desenvolvidas pela Brasil Paralelo seguem uma linha bem definida do conservadorismo atrelado a uma ideia “missionária” de conter a “degeneração” dos valores cristãos e tal concepção se encontra implícita no próprio site da empresa enquanto seu objetivo de “resgatar bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”. As produções audiovisuais da Brasil Paralelo se encontram disponíveis, em sua maioria gratuitamente, no Youtube e tratam dos mais variados temas da história brasileira, indo desde o Brasil Império (1822-1889) até a Ditadura Militar (1964-1985). Essas peças apresentam, ao menos do ponto de vista estético, qualidade; contudo, tal afirmação não se aplica ao conteúdo.

Como indicam Picoli, Chitolina e Guimarães (2020), empresas como a Brasil Paralelo realizam a inversão da metodologia da História, de modo a revisar o passado com o fito de comprovar suas conclusões previamente estabelecidas. Em outros termos, não partem da análise crítica do passado -através das fontes-, para chegar a possíveis

³ A síndrome de Vichy, traduzido por nós.

⁴ Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br>. Acesso em: 4 set. 2025.

interpretações, mas, ao contrário, selecionam apenas fragmentos recortados do passado que se ajustam a uma narrativa já criada de antemão. Tal procedimento rompe frontalmente com o princípio básico norteador do trabalho historiográfico, que consiste em questionar, confrontar e interpretar, de modo crítico, o passado. Desse modo, a estratégia empregada pela Brasil Paralelo possibilita a criação de um discurso que aparenta rigor acadêmico, mas que na verdade apenas serve como um meio para disseminar uma agenda política de matriz conservadora.

Ao realizar a análise das produções da empresa, entretanto, dificilmente encontramos abertas negações a consensos histórico, mas sim distorções de aspectos do passado. O documentário “1964: O Brasil entre Armas e Livros” (2019), exemplifica tal afirmação.⁵ A produção trata do período da ditadura militar brasileira e conta com diversos comentários no mínimo problemáticos quanto a temática.

No que concerne à prática de tortura, por exemplo, os entrevistados do documentário não a negam, mas utilizam o artifício da relativização, relegando-a a episódios isolados de excesso por parte de alguns militares, e não reconhecendo a tortura enquanto uma política de Estado estratégica para o controle e repressão daqueles que se opunham ao regime. Desse modo, observamos nesse caso uma prática negacionista com contornos sutis, uma vez que a prática da tortura por parte dos militares não é negada ao longo do documentário, mas sim minimizada e relativizada. Essa estratégia de negação não aberta, que explora o questionamento, apresentando argumentos aparentemente plausíveis (nesse caso, tortura era cometida por militares em casos isolados de excesso), possibilita uma maior adesão do público, já que disfarça o caráter negacionista através de um discurso moderado e razoável.

Um outro relevante portal negacionista da internet é a Metapedia.⁶ O site funciona enquanto uma “enciclopédia alternativa”, e tem como objetivo “influenciar o debate, a cultura e a perspectiva histórica oficial” (descrição presente na página inicial do site). Na prática, a Metapedia funciona como um reduto “enciclopédico” da extrema-direita e tem como objetivo ser uma “referência pedagógica” desta matriz ideológica para vários países, levando em conta que o site se encontra disponível em diversos idiomas (Silva,

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: 4 set. 2025.

⁶ Disponível em: https://pt.metapedia.org/wiki/Página_principal. Acesso em: 4 set. 2025.

2017, p. 31). A introdução do verbete relacionado ao Holocausto, por exemplo, deixa claro o posicionamento ideológico do portal:

Denominou-se Holocausto [...] ao que foi a maior propaganda de guerra contra Alemanha durante e após a Segunda Guerra Mundial, a qual acusou ao regime nacional-socialista de cometer um suposto genocídio intencional contra o povo judeu e outras minorias étnicas, religiosas e políticas (Metapedia, 2024).⁷

Nesse caso, o episódio do Holocausto é reduzido a propaganda de guerra contrária à Alemanha nazista. De acordo com Silva (2017, p. 52), a contestação não diz respeito à morte de judeus e demais minorias, mas à existência de um genocídio planejado sistematicamente pelos políticos do Terceiro Reich. Nota-se, portanto, a exemplo da estratégia empregada pela Brasil Paralelo, a propagação de teses negacionistas sofisticadas (não de negação direta, mas sim da exploração do elemento da plausibilidade).

Esses são somente dois exemplos de entidades propagadoras de discursos negacionistas na internet. São vários os portais propagadores da desinformação científica e não se limitam a negações referentes ao passado. Para além da História, demais áreas do conhecimento também são constantemente atacadas no ambiente virtual. Durante a pandemia da COVID-19, por exemplo, observamos a ascensão de grupos que negavam a eficiência de vacinas e promoviam ataques diretos à comunidade científica. O resultado da proliferação destas ideias no Brasil pode ser observado na crescente “hesitação vacinal” frente as campanhas de imunização promovidas pelo Governo Federal (Jornal USP, 2021).

3. Pós-verdade: a proeminência dos afetos frente à razão

Um outro importante conceito relacionado da desinformação é o da pós-verdade. Eleita a palavra do ano em 2016 pelo Dicionário Oxford, a pós-verdade refere-se as “circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes do que apelos à emoção e à crença pessoal” (Santaella, 2019, p. 7 apud Araújo, 2020, p. 36). Em outros termos, a veracidade dos fatos de uma certa informação é de importância secundária para o indivíduo que a recebe frente a como esta dialoga com seus afetos e valores pessoais.

⁷ Disponível em: <https://pt.metapedia.org/wiki/Holocausto>. Acesso em: 19 ago. 2025.

A instrumentalização da pós-verdade na esfera política não é rara. Um exemplo disso se deu no contexto da eleição presidencial dos Estados Unidos em 2024, quando o então candidato republicano Donald Trump afirmou, durante um debate na rede de televisão ABC News, que imigrantes haitianos estariam comendo os animais de estimação dos residentes de Springfield (Ohio). Ainda que, de acordo com uma pesquisa realizada pela YouGov (UOL Notícias, 2024), cerca de 52% dos eleitores trumpistas acreditaram na afirmação do político, a intenção contida por trás desta ação do candidato era a de dialogar não com os fatos, mas sim com os afetos da maioria de seus apoiadores, que enxerga a imigração com repúdio.

Um dos fatores que permitem a propagação do fenômeno da pós-verdade é o chamado viés cognitivo -ou viés de confirmação-, caracterizado pela “(...) tendência do ser humano a formar suas crenças e visões de mundo sem se basear na razão e nas evidências (...) em um esforço para evitar descontentamento psíquico” (McIntyre, 2019 apud Araújo, 2020, p. 37). Desse modo, a fala de Trump dialoga diretamente com sentimento de boa parte de seu eleitorado -o repúdio aos imigrantes latinos-, conferindo a estes uma base material que legitima o preconceito, ainda que esta seja apenas uma materialidade fictícia, uma vez que não encontre respaldo na realidade, considerando que a alegação de Trump é falaciosa. Nas palavras de Siebert e Pereira: “Na era da pós-verdade, pouco importa se o acontecimento foi verificado e refutado: a verdade, mais do que nunca, está nas impressões subjetivas que uma dada informação causa” (2020, p. 247).

Não é possível desassociar a pós-verdade do movimento pós-moderno, uma vez que a primeira só existe a partir das condições de relação com o conhecimento estabelecidas pelo segundo. O prefixo *pós*, comum a ambos os termos, pode ser interpretado como indicativo de superação: no caso da pós-verdade, trata-se da superação da noção de verdade; no caso do pós-modernismo, da superação da modernidade. Essa última significa, mais especificamente, uma ruptura com os valores modernos. Tais valores correspondem a centralidade da epistemologia racional crítica e o ideal de progresso, que deveria ser atingido por meio do avanço do capitalismo (Shinn, 2008, p. 46), ambos com origem no pensamento ilustrado do século XVIII e que revelam a centralidade dos valores da razão e da busca pela igualdade social.

Observamos, entretanto, o que podemos considerar o fracasso do projeto moderno no decorrer do século XX. Eventos como a explosão da bomba atômica em 1945 e as

crises nacionais do pós-guerra, representaram, respectivamente, a descrença na ciência e na organização racional-burocrática do Estado, instituições que representam o alicerce da modernidade (Shinn, 2008, p. 50). A ciência, ao invés de levar ao progresso e a melhoria das condições de vida, levou à barbárie, já o Estado burocrático, supostamente o organismo garantidor do estado de bem-estar social, promoveu o aprofundamento das desigualdades sociais.

A percepção social das contradições da modernidade levou, portanto, a confecção de um novo paradigma epistemológico: o pós-modernismo. Se anteriormente, a verdade e sua busca (através da razão) era o elemento primordial da relação com o conhecimento, para os pós-modernistas devotos: “(...) não existe verdade literal, apenas o que a sociedade rotula como verdade. E por isso eles sociedade, de grupo para grupo e de indivíduo para indivíduo” (Keyes, 2018, p. 138 apud Trevisan e Caretta, 2022 p. 9).

O pós-modernismo, portanto, se trata de uma tentativa de ruptura com as estruturas consolidadas de discursos oficiais e, em última instância, de controle por parte dos grupos dominantes sobre a verdade e o conhecimento científico. McIntyre (2019, apud Araújo, 2020, p. 38), reconhece esse processo de relativização da verdade promovido pelo pós-modernismo como o pavimento do caminho que levou ao fenômeno da pós-verdade.

Para além do viés da confirmação e a relativização da verdade pelos pós-modernos, McIntyre (2019, apud Araújo, 2020, p. 40) indica outros três fatores que consolidaram a pós-verdade: a profusão do negacionismo científico, cujo marco de origem o autor situa na década de 50 nos Estados Unidos com o acobertamento pela indústria do tabaco dos malefícios do cigarro à saúde; a queda da importância dos meios de comunicação tradicionais cujos veículos de mídia, ao buscarem um “ideal de objetividade” para evitar acusações de favorecimento partidário, falharam em manter uma comunicação eficaz com o público que passou a recorrer cada vez mais às redes sociais como principal fonte de informações; e por fim, o próprio auge das redes sociais, espaços nos quais os conteúdos são mais baseados em opiniões pessoais do que em fatos.

Adicionalmente, Kakutani (2019, apud Araújo, 2020, p. 39) aponta mais alguns fatores que conduziram ao fenômeno da pós-verdade. O primeiro é a desvalorização de opiniões de especialistas, que, por vezes, utilizam um linguajar complexo que falha em se comunicar com o grande público, o qual passou a valorizar uma comunicação mais

direta, realizada por não especialistas. Outro fator apontado pelo autor é o déficit de atenção, advindo do consumo de conteúdos rápidos nos meios digitais, que minou a capacidade crítica dos indivíduos de analisar as informações recebidas. E por fim, a cultura do narcisismo, que corresponde à ideia de que todas as verdades são parciais, esvaziando, desse modo, a autoridade de fatos objetivos e reforçando a valorização das experiências subjetivas como referência para a construção da realidade

4. Big techs, redes sociais e algoritmos: os arautos da desinformação digital

Definidas enquanto grandes conglomerados de tecnologia que desenvolvem distribuem inovações na área, as big techs são empresas em sua maioria estadunidenses e que exercem o domínio financeiro do setor digital. Empresas como Meta (dona do Facebook, Instagram e Whatsapp), X (antigo Twitter), Apple, Google e Amazon são os exemplos máximos desta categoria (Wagner, 2024, p. 28).

Para uma melhor compreensão do papel das *big techs* no mundo contemporâneo convém observar os dados do relatório *Digital 2025: Global overview* da Data Reportal⁸. No início de 2025, a população mundial era estimada em 8,2 bilhões pessoas, das quais 5,56 bilhões utilizam a internet, o que significa 67,9% das pessoas conectadas. Ainda de acordo com o mesmo relatório, para 62,8% dos usuários, a principal razão para o uso de internet é a de buscar informações. Constata-se, assim, que as big techs estão presentes no cotidiano da maioria das pessoas, visto que empresas como Meta, X e Google controlam os principais meios de difusão informacional: as redes sociais. Portanto, compreender como essas gigantes da tecnologia operam e de que modo se relacionam com seus usuários é essencial, uma vez que atuam como mediadoras centrais do acesso à informação na atualidade.

Em primeira instância, é fundamental considerar que o lucro de empresas como a Meta (dona das redes sociais Instagram, Facebook e Whatsapp), está intrinsecamente ligado ao número de usuários destas plataformas e, para além disso, ao nível de engajamento destes. Este último é relativo ao uso contínuo destas plataformas digitais, e por meio deste, aliado aos anúncios comerciais, as big techs são capazes de alcançar valores de mercado que superam até mesmo o Produto Interno Bruto (PIB) de países como o Brasil (Exame, 2025).

⁸ Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2025-global-overview-report>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Os mecanismos utilizados para garantir tal engajamento pelos usuários são chamados de algoritmos. Estes, por sua vez, são definidos como modelos matemáticos automatizados com o uso de inteligência artificial, tecnologia que pode ser compreendida como “ciência de construir máquinas capazes de fazer operações que, habitualmente, requerem inteligência humana” (Pellizari Junior, 2019, p. 59).

Por meio de *machine learning* (aprendizado de máquina),⁹ os algoritmos são capazes de aprender os padrões de comportamento dos usuários, através de uma base de dados, reconhecendo quais são seus objetos de interesse nas redes sociais (sinalizados pelos usuários por likes e compartilhamentos) e assim, podem realizar recomendações individuais personalizadas, com conteúdos que vão de acordo com o interesse do usuário. Todo esse processo dispensa a supervisão humana, uma vez que o *machine learning* permite que os engenheiros desenvolvam programas capazes de orientar sua própria evolução de forma autônoma, identificando problemas e soluções (Fischer, 2023 apud Wagner, 2024, p. 30). Nas redes sociais, o desafio central consiste em garantir o engajamento do usuário, que se obtém pela retenção de sua atenção por meio da oferta contínua de conteúdos de interesse.

Como indica Silveira (2016, p. 272), os algoritmos, tratando-se de modelos complexos e escritos em linguagem matemática, são de difícil compreensão para o usuário comum, como consequência influência destes pode passar despercebida. Esse caráter de difícil inteligibilidade desses mecanismos parece ser algo intencional por parte das plataformas digitais. O propósito por trás do emprego destes é econômico e, para além disso político, garantindo maior visibilidade para determinados grupos políticos, como evidenciarmos mais a frente. Desse modo, parece ser conveniente para as plataformas digitais que seus usuários não compreendam totalmente o modo como operam, para evitar possíveis questionamentos e críticas.

Um outro aspecto relevante a ser pontuado sobre as redes sociais é que estas enfrentam a quase completa ausência de filtragem efetiva dos conteúdos recomendados. Essa limitação decorre do fato desta tarefa de verificação ser realizada, em grande parte, por mecanismos automatizados (*bots*), que dispensam a necessidade da supervisão humana para seu funcionamento. No entanto, garantir que as publicações estejam de

⁹ “O Machine Learning, ou Aprendizado de Máquina, é uma área da Inteligência Artificial (IA) que permite que sistemas aprendam com dados, identifiquem padrões e façam previsões. Isso significa ensinar um computador a agir de forma autônoma” (Tecnoblog, 2024).

acordo com normas jurídicas impostas por cada plataforma -que proíbem a veiculação de informações falsas e conteúdos violentos- requer por vezes uma sensibilidade humana. No caso das informações falsas, por exemplo, estas são construídas para parecerem verdadeiras, utilizando de táticas abordadas anteriormente e, portanto, podem ser interpretadas por um mecanismo artificial como verdadeira, uma vez que este não possui as valências do olhar crítico humano. Nesse contexto, reforça-se o entendimento do espaço das redes sociais enquanto um terreno fértil para a disseminação de conteúdos potencialmente enganosos.

Conforme citado anteriormente, os algoritmos detectam e aprendem padrões de consumo de conteúdos dos usuários, recomendando tópicos de interesse para manter o engajamento nas plataformas digitais. Esse processo se dá por meio da coleta de dados, mas o uso dos dados dos usuários não se limita a isso.

Ao realizar a análise das políticas de privacidade do X (antigo Twitter), Damasceno, Rodrigues e Rabelo (2022) indicam que a empresa apresenta no contrato de uso da plataforma informações a respeito da coleta de dados dos usuários. Entretanto, segundo os autores, a linguagem utilizada pela empresa é tendenciosa, passando a impressão de que a coleta dos dados é utilizada apenas para gerar recomendações personalizadas, tornando o uso da plataforma mais interessante (2022, p. 311), deixando apenas subentendido o fato de os dados dos usuários serem vendidos para anunciantes, para que estes sejam capazes de chegar, através de propagandas direcionadas, a pessoas mais propensas a tornarem-se potenciais consumidores.

Informações como nacionalidade, idade, padrão financeiro e buscas recentes na internet tornam-se mercadorias, característica primordial da novíssima face do capitalismo, o capitalismo de vigilância que, conforme elucidado por Shaw (2017, apud Damasceno, Rodrigues e Rabelo, 2022, p. 305), descreve o sistemático ato de “empacotar dados pessoais e informações comportamentais dos usuários e vende-los a anunciantes”.

Uma vez compreendido o funcionamento dos algoritmos empregados pelas grandes empresas de tecnologia em suas plataformas digitais, discutiremos a respeito de uma das mais preocupantes consequências do emprego desses mecanismos nas redes sociais: a formação das bolhas digitais.

As comunidades virtuais existem desde o advento da internet, sendo caracterizadas pela aglutinação de usuários que possuem interesses em algum tópico em

comum. O Orkut, outrora principal rede social, exemplifica muito bem isso: suas comunidades eram muito populares e abrangiam temas que iam do humor a espaços voltados para relacionamentos virtuais ou debates políticos. A participação era voluntária, pois cabia ao usuário escolher quais comunidades integrar -aspecto que, conforme Pellizzari e Junior (2019, p. 61), foi perdido com a modernização das redes sociais. A grande virada nesse processo ocorreu com a ampliação do uso dos algoritmos direcionadores nesses espaços, que passaram a sugerir conteúdos e organizar automaticamente os grupos de interesse, limitando a autonomia da escolha do usuário e, desse modo, “aprisionando-o” em bolhas digitais. Em síntese, as comunidades virtuais não desapareceram, mas foram significativamente alteradas pela lógica dos algoritmos, que potencializa a formação das bolhas digitais.

Na atual configuração das redes sociais, as bolhas digitais tornaram-se quase intransponíveis, ao ponto de, como indica Bucci (2018, p. 28) “uma comunidade de determinada bolha mal tomar conhecimento de outra”, transformando o espaço das redes sociais em uma espécie de prisão informacional. Nesse espaço, por exemplo, uma notícia, ainda que falsa, adquire o caráter de verdade, pela repetição da mesma e pela ausência de exibição de informações que contradizem a mesma. Nesse aspecto, podemos compreender as bolhas digitais enquanto espaços confortáveis para o usuário, uma vez que não existem conflitos de narrativas e opiniões contraditórias simplesmente não são consideradas pelos algoritmos.

Ademais, Arão (2025), aponta que o *modus operandi* do capitalismo também contribui para o enfraquecimento da capacidade crítica dos indivíduos, visto que dentro da lógica produtiva, competências relacionadas à aspectos de criticidade, são consideradas “perda de tempo”, uma vez que estas não dialogam diretamente com as necessidades do mercado. Portanto, ainda segundo o autor, os indivíduos são recompensados quando se afastam da reflexão e se adestram para a razão utilitarista do mercado de trabalho.

Não por acaso, dados levantados na pesquisa Truth Quest (2024) da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), indicam o Brasil como o pior entre 21 países avaliados no quesito capacidade de detecção de notícias falsas. Foram apresentadas 100 notícias falsas para um total de 2 mil pessoas e apenas 60% foram

capazes de distinguir corretamente as informações apresentadas.¹⁰ Podemos encarar esses dados como resultados de um projeto, que une as características da produtividade utilitarista do capitalismo aos anseios por lucros cada vez mais exorbitantes das grandes empresas de tecnologia.

Nesse sentido, autores como David Buckingham defendem a educação midiática como um meio para enfrentar essa desordem informacional presente nos meios digitais. Compreende-se educação midiática enquanto um conjunto de habilidades que permitem ao usuário digital transformar a informação recebida em conhecimento, por meio do aprendizado e da interpretação crítica. Para a criticidade, salienta o autor, é necessário analisar, sintetizar e avaliar a informação (Buckingham, 2022).

5. Discursos de ódio e a manipulação política nas redes sociais

As redes sociais são espaços nos quais o indivíduo se desprende das barreiras de convivência social que escondem preconceitos e desejos reprimidos, levando este a se comportar como não faria em demais situações. A razão por trás disso pode ser apontada pela possibilidade de anonimato nesses espaços junto às massas de usuários digitais, de modo que a responsabilização jurídica se torna mais improvável. Soma-se a isso, as bolhas digitais, que conferem legitimidade a determinada visão de mundo do indivíduo, sem o espaço para qualquer questionamento.

Nesses ambientes digitais, não é incomum observarmos a proliferação de discursos de ódio, definidos por Andrade (2021, p.11) como “manifestações ou expressões, motivadas por preconceito ou intolerância, através da qual uma pessoa ou um grupo é discriminado, com base em suas características identitárias” Essas manifestações, ainda segundo Andrade, por vezes são disfarçadas de discurso sério, político, acadêmico ou científico, aparentando dotar de uma certa racionalidade. Já em outros casos, são camufladas como manifestações humorísticas ou artísticas (2021, p.16), ou ainda são publicadas no meio digital como opiniões pessoais, realizadas por usuários que acreditam no caráter irrestrito da liberdade de expressão.

¹⁰ OCDE. The OECD Truth Quest Survey: Methodology and findings. *OECD Digital Economy Papers*, n. 369. Paris: 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/92a94c0f-en>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Figura 1 – Comentário do influenciador digital Júlio Cocielo sobre Mbappé.



Fonte: G1- São Paulo, 2018.¹¹

Esse *tweet* de 2018, publicado pelo influenciador digital Julio Cocielo serve como exemplo de discurso de ódio disfarçado de humor. Cocielo associa Kyllian Mbappé, futebolista francês negro, à prática de arrastões (tipo de roubo coletivo). Sabemos que, devido ao caráter estrutural do racismo no Brasil, comumente associa-se a prática de furtos a pessoas negras. O influenciador, portanto, reitera esse estereótipo racista, ainda que defenda que sua intenção com mensagem era a de elogiar a velocidade do atleta (G1, 2018).

¹¹ Imagem retirada do Twitter (atual X) e repercutida pelo G1 – São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/youtuber-julio-cocielo-e-criticado-por-comentario-sobre-mbappe-conseguiria-fazer-uns-arrastao-top-na-praia.ghtml>. Acesso em: 19 de ago. de 2025

Figura 2 - Comentário de usuária retirado do Twitter após as eleições presidenciais de 2022.



Fonte: PSB notícias, 2022.¹²

Publicado logo após o fim das eleições presidenciais brasileiras de 2022, o *tweet* expressa de forma direta a opinião xenófoba da usuária sobre a população nordestina. É interessante observar que no início da mensagem, a própria usuária reconhece a possibilidade de ser “cancelada”, parecendo interpretar que esta seria a única consequência possível de sua fala atroz, desconsiderando qualquer possibilidade de responsabilização legal, o que revela uma distinção entre a realidade virtual e a vida real, sendo a primeira um espaço “sem regras”, onde se é permitido dizer aquilo que não pode ser expresso nos espaços regulamentados. A associação realizada pela direita brasileira sobre a região nordestina e o percentual alto de votos para partidos de esquerda -em especial para o Partido dos Trabalhadores (PT) – é comum em praticamente todas as eleições nacionais e manifestações preconceituosas como a exemplificada são facilmente encontradas nas redes sociais (Valor Econômico, 2018; UOL Notícias, 2022; G1, 2023).

Esses dois exemplos devem ser compreendidos como reflexos da sociedade contemporânea, na qual o ódio contra minorias representativas ainda se faz presente -ainda que por vezes escondido, e não como fenômenos próprios dos espaços virtuais. Nesse sentido, ao tentar compreender de que modo a extrema-direita conseguiu se adaptar à era digital, Arão (2025) realiza, a partir de Freud e Adorno, uma comparação interessante entre a ascensão dos regimes totalitários europeus no século XX e o atual *modus operandi* desses grupos políticos. De acordo com o autor, o comportamento nas

¹² Imagem retirada do Twitter (atual X) e repercutida pelo PSB Notícias. Disponível em: <https://www.psbns.com.br/portal/noticias.php?n=4566>. Acesso em: 19 de ago. de 2025.

redes sociais funciona de modo semelhante às massas psicológicas, na medida em que o usuário perde sua individualidade, sucumbindo ao medo e ao ódio e tornando-se suscetível aos encantos de um líder (Arão, 2025, p. 5). Se antes eram necessários discursos inflamados de Hitler e Mussolini e uma forte atuação dos ministérios de propaganda para alcançar essa condição nas massas, por exemplo, hoje o processo se dá, em nossa leitura, de modo mais orgânico -mas não menos vil- nos espaços digitais. A diferença reside no papel da liderança, que antes tinha uma função mais ativa nessa construção psicológica, ao passo que no presente, parece que o principal requisito para o êxito nesse sentido é ser capaz de capturar o cenário já existente e observado no meio digital.

No caso brasileiro, por exemplo, compreendemos que Bolsonaro não criou o movimento bolsonarista, O sentimento anti-petista, correlacionando o partido à degeneração moral e corrupção, o receio das elites -e seus dândis- de perder seus privilégios frente às políticas de inclusão (notadamente as cotas) e o conservadorismo moral pautado nos valores cristãos, descrevem aspectos basilares do bolsonarismo e já se encontravam presentes na sociedade brasileira. Desse modo, Bolsonaro e seus aliados instrumentalizaram politicamente essas diversas pautas de matriz conservadora, colocando-os sob o guarda-chuva do bolsonarismo; como aponta Empoli (2020, p. 71 apud Arão, 2025, p. 6), o que a extrema-direita faz é organizar esses elementos discursivos de ódio difusos (como nos casos citados à negros, pobres e apoiadores do PT) em uma unidade com finalidade política. Essa operação encontra ressonância e intensifica-se a partir dos algoritmos, que privilegiam conteúdos sensacionalistas, notícias falsas e discursos políticos inflamados em nome do engajamento, reforçando nos usuários uma ideia de identidade compartilhada que é catalisada na figura de uma liderança.

Na Alemanha, um dos países modelo do êxito da democracia liberal no Ocidente, grupos políticos de extrema-direita como o partido *Alternative für Deutschland* (AFD)¹³, vem conquistando cada vez mais relevância no cenário político nacional. Os resultados das últimas eleições parlamentares em 2025 do país indicam a AFD como o segundo grande vencedor, com 20,8 % dos votos, com um crescimento de 42 novos assentos no *Bundestag* -parlamento alemão-, totalizando 164 cadeiras para o partido (BBC News Brasil, 2025). Fundado em 2013 em um cenário político conturbado na Europa, com

¹³ Alternativa para a Alemanha, tradução nossa.

crises econômicas e imigratórias, o AFD surge como uma plataforma aglutinadora de grupos políticos extremistas, tais como movimentos anti-lgbt, anti-feminismo e islamofóbicos, como o movimento Pegida - sigla para Patriotas Europeus contra a Islamização do Ocidente -, que não eram capazes sozinhos de conseguir relevância na política alemã. Em sua origem, porém, Liebel indica que o tom discursivo adotado pela AFD era mais moderado, uma vez que as principais lideranças partidárias, Brend Lucke (professor de Macroeconomia), Frauke Petry (acadêmica e empresária) e Konrad Adam (jornalista) optaram por dar prioridade à pauta macroeconômica, com soluções de cunho neoliberal (2020, p. 110).

Ainda de acordo com Liebel (2020, p. 112), conforme o crescimento do partido na política alemã, as lideranças foram renovadas e em 2015, a legenda passou por uma significativa transformação, se afastando de uma direita moderada, com enfoque econômico, para se aproximar a um populismo nacionalista radical. Essa guinada ao radicalismo pode ser observada a partir da Resolução de Erfurt, documento que anuncia a nova direção do partido, em notória oposição à primazia do aspecto econômico defendido pelas antigas lideranças:

O projeto está em perigo. Os cidadãos nos escolheram porque esperam que sejamos diferentes dos partidos estabelecidos: mais democráticos, mais patriotas, mais corajosos. [...] Um sem-número de nossos membros ainda compreende a AfD, contra toda tendência de estreitamento, como alternativa fundamental, patriótica e democrática aos partidos estabelecidos, como um movimento de nosso povo contra os experimentos sociais das últimas décadas (***mainstream de Gênero, Multiculturalismo, arbitrariedade na Educação, etc.***), como movimento de resistência ao esvaziamento da soberania e da identidade da Alemanha, como um partido que tem a coragem de se posicionar pela verdade e pela livre expressão (Liebel, 2020, p. 112, grifo nosso)

As pautas destacadas no documento *maintream* de Gênero, relativa ao crescimento dos movimentos feministas e LGBT; o multiculturalismo, no caso alemão referente à crescente migração turca e árabe e a arbitrariedade na educação, a qual se refere à leitura dos extremistas em torno da excessiva culpabilização da sociedade alemã a respeito do Holocausto e questiona a forma como essa memória é trabalhada na educação, são tópicos que já se encontravam presentes e naturalizadas no debate político alemão contemporâneo. Com a ascensão da AfD, os indivíduos que defendiam tais pautas em movimentos marginais à política formal, encontram representatividade legal, a partir de um verniz democrático (estrutura partidária legalizada), o que reforça a estratégia da

extrema-direita de aglutinar movimentos sociais dispersos e instrumentalizá-los politicamente, à exemplo do movimento bolsonarista no Brasil.

Não obstante, nota-se o emprego da estratégia “nós contra eles”, comum entre os expoentes da Nova Direita; no caso da AfD, podemos observar essa estratégia a partir do próprio nome do partido, “Alternativa para a Alemanha”, sinalizando um afastamento da política e dos partidos tradicionais, como a CDU (União Democrata-Cristã) e o FDP (Partido Democrático Livre). De modo similar, notamos o emprego desta tática no movimento bolsonarista:

Figura 3 – Fotomontagem de Jair Bolsonaro vestindo camiseta com os dizeres “meu partido é o Brasil”.



Fonte: Página de Jair Bolsonaro no Facebook, 2018.¹⁴

Retirada do perfil oficial de Bolsonaro no Facebook, a fotomontagem de setembro de 2018 retrata o então recém-eleito presidente vestindo uma camiseta com os dizeres “Meu partido é o Brasil”, indicando que, defende os interesses nacionais em primeiro

¹⁴Disponível em:

https://www.facebook.com/photo/?fbid=1186990738116577&set=a.250567771758883&locale=nb_NO.

Acesso em: 19 ago. 2025.

lugar antes de qualquer compromisso partidário, em uma evidente tentativa de se diferenciar em relação a seus opositores políticos, que seriam “amarrados” a seus partidos e incapazes de colocar o “Brasil acima de tudo”. “Nós”, os patriotas verdadeiros, e “eles”, tudo o que há de errado com o país.

Conforme dito anteriormente, as redes sociais funcionam como um óleo lubrificante do motor da extrema-direita. Ulrich Siegmund, deputado estadual da AfD do estado de Saxônia-Anhalt, conta com 400 mil seguidores na rede social Tik Tok, sendo o político alemão de maior sucesso na plataforma (DW, 2024a). No Brasil, Jair Bolsonaro e Nikolas Ferreira, ambos do Partido Liberal (PL), lideram o ranking de políticos mais influentes no Instagram, com 27 e 13 milhões de seguidores respectivamente (Revista Oeste, 2025). No cenário alemão, os jovens são os grandes responsáveis pelo sucesso dos nomes políticos da AfD no ambiente digital, o partido até mesmo contava com uma ala jovem (Junglin Alternative) (JA), mas foi extinta em junho de 2025.¹⁵ A estratégia utilizada é simples, a propagação mensagens diretas, simples e velozes, com o uso de músicas, memes e emojis, embalando o conteúdo extremista em publicações humoristas e os resultados surgem: 22% dos jovens de 14 a 29 anos na Alemanha, de acordo com a pesquisa de opinião Youth in Germany, votariam na AfD (DW, 2024b).

¹⁵ Devido às manifestações extremistas da JA nas redes sociais, a cúpula de liderança do AfD decidiu dissolver a ala, como forma de evitar uma possível proibição do partido na política alemã (POLITICO, 2025).

Figura 4 – Panfleto publicado nas redes sociais da Jungle Alternative.



Fonte: Página da Junge Alternative no Facebook, 2014.¹⁶

Este panfleto foi publicado nas redes sociais da JA, em abril de 2014. O material contém cinco mulheres de diferentes biotipos e a legenda diz “A favor da diversidade na Europa”. Entretanto, como analisa Liebel:

A frase [...] contém um trocadilho na palavra “pro” (a favor). Ao colocar um parêntesis ao redor do “r”, a propaganda forma a palavra “Po”, ou seja, “bunda” em alemão. O resultado é a mensagem “Diversidade de bundas na Europa!” (Liebel, 2025, p. 127)

Desse modo, a mensagem adquire contornos misóginos, dialogando diretamente com o anti-feminismo, bandeira que era estrategicamente empunhada como prioritária pela ala jovem do partido, além de sinalizar a luta contra a diversidade de gêneros (ou *Genderwahn* -loucura dos gêneros- segundo os militantes do partido), esta diversidade é compreendida pelos mesmos como uma ideologia totalitária (Liebel, 2025, p. 127-128).

¹⁶ Imagem retirada do artigo: LIEBEL, Vinicius. O Populismo de direita e suas estratégias de sobrevivência na Alemanha: o Alternativ für Deutschland (AfD). *Tempos Conservadores: estudos críticos sobre as direitas*. Goiânia, vol 3, pp. 104-135, 2020. Disponível em: <https://temposconservadores.blogspot.com/2020/01/saiu-o-volume-3-tempos-conservadores.html>. Acesso em: 19 ago. 2025.

Na política brasileira, a figura de Nikolas Ferreira vem ganhando proeminência no cenário nacional.¹⁷ Companheiro de partido de Bolsonaro, o mineiro de 26 anos idade, simboliza uma renovação do conservadorismo brasileiro, e exemplifica como o uso das redes sociais é fundamental para o avanço da extrema-direita na política nacional. O deputado, como mencionado anteriormente, é um dos políticos brasileiros de maior influência no meio digital; uma das estratégias utilizadas por ele em suas redes sociais é a publicação de vídeos curtos no formato de “cortes”, nos quais as mensagens são transmitidas utilizando uma linguagem simples e direta, o que se encaixa nos moldes de consumo de conteúdos breves nessas plataformas. Entretanto, compreendemos que a estratégia de maior relevância que explica a proeminência do deputado na política é a prática de “tumultuar” o debate político para viralizar na internet:

Figura 5 - Nikolas Ferreira de peruca enquanto discursa na Câmara dos Deputados



Fonte: Câmara dos Deputados, 2023.¹⁸

¹⁷ Eleito deputado federal pelo estado de Minas Gerais em 2022, Nikolas Ferreira (Partido Liberal) tornou-se o terceiro deputado mais votado da história do país, com 1,47 milhões de votos (Câmara dos Deputados, Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/911272-nikolas-ferreira-e-o-deputado-mais-votado-do-pais-com-147-milhao-de-votos/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

¹⁸ Fotografia tirada por Pablo Valadares e repercutida no site Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2023-05/pgr-diz-que-imunidade-parlamentar-protege-declaracoes-de-nikolas>. Acesso em: 19 ago. 2025.

A figura acima mostra Nikolas Ferreira utilizando uma peruca loira na tribuna da Câmara dos Deputados no dia 8 de março de 2023, data que celebra o dia internacional das mulheres. Em seu discurso, o deputado alegou que a esquerda disse que ele não poderia falar, pois não estava em seu “lugar de fala” (referindo-se à data em questão). Então, a solução apontada pelo político foi se fantasiar como mulher, nas palavras do próprio: “[...] solucionei esse problema aqui. Hoje eu me sinto mulher. Deputada Nikole.”

O resultado desse ato deplorável, que simultaneamente buscou esvaziar a luta feminista por representatividade no debate político nacional e ofender a comunidade trans, foi positivo para Nikolas Ferreira; apesar do deputado ser condenado pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) a pagar R\$200 mil por dano moral coletivo (CNN Brasil, 2025), o político conseguiu “viralizar” nas redes sociais. Isso possibilitou o aumento de sua popularidade, em especial entre os mais jovens, que parecem interpretar Nikolas Ferreira como uma figura *outsider* da política, fugindo da tradição séria e polida adotada por “figurões” da política. O tom discursivo similar ao de alguns influenciadores de humor nas redes sociais também não é por acaso. É estratégico para criar uma identificação com os grupos jovens nas redes sociais.

6. Projeto “Combate à desinformação em sala de aula”

Após compreender um pouco sobre o contexto preocupante da desinformação no presente, partiremos nesta última parte do trabalho para o desenvolvimento de uma possibilidade de trabalho com o tema da desinformação no Ensino Fundamental. Realizaremos esse movimento partindo do relato de nossa experiência com a execução do projeto “Combate à desinformação em sala de aula”, que serviu de inspiração para a sequência didática presente no fim deste texto. Antes, porém, convém explorar o contexto da elaboração do projeto, desenvolvido a partir da disciplina de Projeto Interdisciplinar na Universidade Federal de Uberlândia.

O Projeto Interdisciplinar é um componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia. A ementa dessa disciplina, segundo a ficha de componente curricular da mesma (2019), destaca a necessidade de integrar as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão, por meio da elaboração e execução de um projeto a ser desenvolvido em uma instituição de ensino público; comumente, são escolhidas escolas, mas não se limita a essas, podendo também ser desenvolvido em

museus e demais espaços públicos de ensino.¹⁹ No caso do curso História, este é dividido em quatro disciplinas (Prointer I, II, III, IV), sendo as duas primeiras voltadas para o desenvolvimento teórico dos projetos, a terceira para a parte prática (desenvolvimento do projeto junto à instituição escolhida) e a quarta, voltada para a elaboração de reflexões sobre o processo como um todo.

Acreditamos que esse componente curricular é de suma importância para nossa formação, pois possibilita a articulação entre teoria e prática, através do movimento de extensão. Os desafios na elaboração de um projeto são diversos, é necessário pensar cada etapa cuidadosamente, de modo que todas façam sentido e se complementem, e o mais importante, que se comuniquem com o público escolhido, todas essas habilidades necessárias para o pleno exercício da docência.

Ademais, o trabalho com projetos permite, para além da possibilidade de uma sequência didática, uma maior participação por parte dos estudantes. A correta elaboração de um projeto entende o estudante enquanto sujeito ativo do processo de aprendizagem, conferindo-o agência na construção do saber. Nesse sentido, o trabalho com projetos permite quebrar a lógica tradicional de ensino, segundo a qual somente o professor detém o saber e deve transmiti-lo ao estudante, que o recebe passivamente. Não obstante, a interdisciplinariedade, enquanto escolha metodológica de ensino, permite romper com as barreiras das disciplinas, possibilitando um trabalho que não foca exclusivamente em apenas uma área do conhecimento, mas sim, transita entre as diversas dimensões do conhecimento.

O desenvolvimento do projeto “Combate à desinformação em sala de aula” ocorreu na primeira disciplina de PROINTER e tinha como objetivo promover, junto aos estudantes, o desenvolvimento da capacidade crítica no processo de consumo de informações, especialmente nos meios digitais.²⁰ Pensando no caráter interdisciplinar que o projeto obrigatoriamente deveria ter, trabalhamos três vertentes do que consideramos constituir o fenômeno da desinformação: as *fake news* (notícias falsas), o negacionismo científico e o negacionismo histórico. Dessa maneira, para além da História, dialogamos

¹⁹ Disponível em:

https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?9LibXMqGnN7gSpLFOOgUQFziRouBJ5VnVL5b7-UrE5S8m4VYEZnONyW0hZHSz7LaDQR0rr3ypUHFzdOGybb8mWX8RmJX614BmQdpYZDEXMG11Lf-02Hm3E4wAwRkUuk. Acesso em: 5 set. 2025.

²⁰ O projeto foi desenvolvido em dupla, com meu colega Henrique Silva de Campos Germano, por isso, esta parte do trabalho está escrita na 1ª pessoa do plural.

com as disciplinas de Língua Portuguesa e Ciências. Não obstante, para além de reconhecer a existência dessas modalidades de desinformação junto aos estudantes, objetivamos também discutir o que está por trás desse maquinário desinformativo, de modo a esclarecer, por exemplo, a intenção do discurso negacionista, que busca negar realidades sociais sempre visando a manutenção de privilégios ou a obtenção de lucro e a disseminação de notícias falsas nos espaços digitais como resultado de um projeto, portanto dotado de intencionalidade, de desinformar. Desse modo, articulamos as etapas do projeto de modo a abarcar cada uma destas temáticas.

Relato de experiência do projeto “Combate à desinformação em sala de aula”

O projeto foi realizado na Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva, em Uberlândia, Minas Gerais, com estudantes do 9ºB ao longo do mês de maio de 2023.

A primeira etapa foi realizada ao longo de duas aulas e o foco recaiu sobre o negacionismo científico. Realizamos a abordagem a partir da análise crítica de uma propaganda de cigarro da década de 70, permitindo aos estudantes realizarem reflexões sobre a relação entre ciência, mídia e interesses econômicos, de modo a reconhecer a lógica do lucro como elemento proeminente nas relações capitalistas, desconsiderando, nesse exemplo, a questão da saúde pública.

Já na segunda etapa, desenvolvida ao longo de três aulas, colocamos enfoque na vertente histórica do negacionismo, utilizando a negação do Holocausto como tema balizador. Na primeira, realizamos uma explicação sobre o ofício do historiador, discutindo questões sobre a construção do conhecimento histórico e o estabelecimento de consenso acadêmicos sobre eventos históricos. Já na segunda, abordamos o tema do Holocausto, exibindo imagens referentes ao genocídio e retomando alguns pontos-chave que serviram de base para a discussão sobre a negação desse evento. O tema da negação ao Holocausto foi trabalhado a partir do estudo do caso Irving contra Lipstadt, que permitiu discutir como discursos negacionistas podem ser utilizados para legitimar preconceitos e discursos de ódio contra minorias.

A etapa final do projeto, com duração de duas aulas, abordou diretamente a questão das notícias falsas. Na primeira aula, realizamos uma dinâmica de identificação entre notícias verdadeiras e falsas, exercitando nos estudantes a capacidade de reconhecer os padrões textuais de peças enganosas, como títulos chamativos, ausência de fontes e erros de linguagem. Por fim, na segunda aula dessa etapa, realizamos uma oficina em que

os próprios estudantes ficaram responsáveis pela criação de notícias falsas, com o mesmo objetivo da aula anterior. A socialização dos resultados da oficina foi interessante, pois possibilitou um momento descontraído entre nós e os estudantes. O projeto foi encerrado com uma retomada geral dos temas abordados e a devolutiva dos estudantes, que avaliaram positivamente a experiência.

7. Proposta de sequência didática para o combate à desinformação no Ensino Fundamental

Tomando como inspiração a experiência com esse projeto e considerando os temas abordados ao longo deste trabalho, sistematizamos uma proposta de sequência didática que busca dar conta da temática da desinformação. Voltada para o 9º ano do Ensino Fundamental, essa sequência, dividida em quatro aulas, adota uma abordagem interdisciplinar, de modo a abarcar conteúdos das áreas de História, Língua Portuguesa e Ciências, pois acreditamos que o problema da desinformação deve ser compreendido de forma ampla, não se restringindo a apenas uma área do conhecimento.

Gostaríamos também de deixar claro que a sequência a seguir se trata de uma proposta, sendo possível adaptá-la conforme as novas necessidades do combate à desinformação e ao julgamento do professor(a) que decidir trabalhar com essa sequência didática.²¹

²¹ Todos os materiais didáticos referentes às aulas se encontram disponíveis na seção APÊNDICES deste trabalho.

Aula 1

Disciplina:		História			
Ano (série):	9º	Nível:	Fundamental		

Tema
A lucratividade da desinformação: O negacionismo científico a serviço do capitalismo

Objetivo

Objetivo geral:	Compreender criticamente a relação entre o capitalismo e o negacionismo científico
------------------------	--

Objetivos específicos:	Analisar de que modo interesses econômicos e corporativos influenciam a produção e a disseminação de desinformação científica. Refletir sobre as consequências sociais, ambientais e políticas da união entre capitalismo e negacionismo científico. Analisar criticamente propagandas comerciais como documentos reveladores do imaginário social e valores de um determinado período.
-------------------------------	--

Habilidades e Competências previstas na BNCC e Currículo Referência MG
Competências específicas de História para o Ensino Fundamental (BNCC): Competência 1: Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos de mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo. Competência 3: Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.

Conteúdo
Relações entre a negação à ciência e o capitalismo. Papel da mídia na construção do imaginário popular vinculada ao tabagismo.

Conhecimentos prévios necessários (conceitos dominados pelos estudantes):
--

Leitura e interpretação de fontes históricas.

Metodologia

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação do projeto. 2. Exibição da fonte (propaganda comercial da marca de cigarros Arizona). 3. Entrega do Roteiro de Análise 1 e preenchimento do material. 4. Socialização das respostas 5. Entrega do Roteiro de Análise 2 e preenchimento do material. 6. Socialização das respostas. 7. Exposição-dialogada sobre o contexto da produção da fonte, explicitando e levantando críticas a como a indústria do cigarro vendia uma imagem positiva do tabagismo e destacar como a veiculação desses anúncios comerciais era comum na televisão brasileira. 8. Exposição-dialogada acerca do acobertamento da indústria do tabaco em relação aos prejuízos à saúde acarretados pelo fumo. Debate da negação à ciência para fins lucrativos. 9. Debate sobre o negacionismo científico no presente. Sugere-se abordar a negação às mudanças climática, articulando a temática ao lobby realizado por empresas do setor que explora recursos naturais em alguns governos (como o dos Estados Unidos) e o enfraquecimento das leis de proteção ambiental. 10. Encerramento da aula, com a definição do termo negacionismo, explicando que este não se limita à ciência, mas também se faz presente na História, de forma a introduzir o tema de negacionismo histórico que será abordado nas aulas seguintes. |
|--|

Recursos Didáticos

Voz, materiais impressos e projetor multimídia.

Avaliação

A avaliação será processual, com a observação do engajamento dos estudantes nas discussões e atividades propostas como critério adotado.
--

Referências

NGANGA, João. História e propaganda: possíveis interações e reflexões. *Cadernos do Tempo Presente*, n. 28, pp. 41-53. Aracajú: jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/9443>. Acesso em: 30 ago. 2025.

Cigarro: o pai do negacionismo moderno. *Ciência Suja*, 2021. Podcast. Disponível em:

https://open.spotify.com/episode/62uE1Voa3IVU8ZI4ytfXY3?si=WUU2hemvR565BaNilmiAhw&context=spotify%3Ashow%3A2bJvbVxZblK6E2mKkI5zbw&dl_branch=1&nd=1.%C2%A0. Acesso em: 30 ago. 2025.

Aula 2

Disciplina:		História			
Ano (série):	9º	Nível:	Fundamental		

Tema
A construção do conhecimento histórico: conceitos e métodos

Objetivos

Objetivo geral:	Compreender o processo de produção do conhecimento histórico.
------------------------	---

Objetivos específicos:	Compreender o conceito de fonte histórica, reconhecendo a centralidade desta para o desenvolvimento do ofício do historiador. Definir o que é historiografia, considerando elementos como a revisão histórica e o estabelecimento de consensos acadêmicos. Exercitar a análise crítica de fontes históricas.
-------------------------------	---

Habilidades e Competências Previstas na BNCC e Currículo Referência MG
Competências específicas de História para o Ensino Fundamental (BNCC): Competência 3: Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito. Competência 6: Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.

Conteúdo
Construção do conhecimento história e análise crítica de fontes históricas.

Conhecimentos prévios necessários (conceitos dominados pelos estudantes):
--

Leitura e interpretação de imagens.

Metodologia

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Diálogo inicial com os estudantes para averiguar suas observações a respeito da disciplina histórica. Perguntas disparadores sugeridas: O que é História? Qual é o objeto de estudo dessa área? Se o objeto dessa área se relaciona ao passado, e este não pode ser acessado diretamente, então de que modo o historiador “escreve” a história? 2. Exposição oral sobre fontes históricas, com slides sobre o tema como material de apoio à visualização dos estudantes. Destacar que cabe ao historiador a transformação de um objeto/documento em fonte, a partir do método histórico (análise crítica do objeto). Trazer imagens de múltiplos tipos de fontes (documentos oficiais, cartas, monumentos, objetos do cotidiano e manifestações culturais, por exemplo). Diferenciar as fontes materiais e imateriais. Explicar que todos estes objetos podem fornecer importantes pistas para a “reconstituição” do passado. 3. Atividade sobre fontes históricas. Solicitar aos estudantes que se organizem em duplas para responder a atividade. 4. Socialização dos resultados, com correção comentada da atividade. 5. Exposição oral sobre historiografia, identificando esta como o conjunto de obras que os historiadores escrevem sobre o passado. Destacar que, para a construção do conhecimento histórico, os historiadores, para além das fontes, também utilizam as obras de seus colegas e esse processo é chamado de revisão bibliográfica. Por fim, explicar que quando muitos historiadores concordam sobre determinado tema, ocorre a formação de um consenso acadêmico. Citar como exemplo a escravização no Brasil. 6. Encerramento da aula, com retomada dos conteúdos e abertura para eventuais questões levantadas pelos estudantes |
|---|

Recursos Didáticos

Voz, materiais impressos e projetor multimídia
--

Avaliação

A avaliação será processual, com a observação do engajamento dos estudantes nas discussões e atividades propostas como critério adotado.
--

Referências

BITTENCOURT, Circe. Documentos não escritos. In: BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. Cortez: São Paulo, 2018, pp. 351-378.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Zahar: Rio de Janeiro, 2002.

Aula 3

Disciplina:		História			
Ano (série):	9º	Nível:	Fundamental		

Tema
O Negacionismo Histórico compreendido a partir do caso Irving x Lipstadt.

Objetivos

Objetivo geral:	Compreender criticamente o negacionismo histórico
------------------------	---

Objetivos específicos:	Reconhecer as principais características do discurso negacionista. Relacionar ideologias extremistas ao negacionismo histórico. Refletir sobre as consequências sociais e políticos da negação de crimes históricos, como o Holocausto.
-------------------------------	--

Habilidades e Competências previstas na BNCC e Currículo Referência MG
Habilidade de História (CR-MG): (EF09HI13X): Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o Holocausto), trazendo a reflexão para as tendências totalitárias na contemporaneidade. Competência Específica de História para o Ensino Fundamental (BNCC): Competência 6: Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.

Conteúdo
Análise do negacionismo histórico em relação ao Holocausto. O negacionismo histórico como uma ameaça à memória das vítimas de eventos históricos violentos. O discurso de ódio contra minorias presente em manifestações negacionistas.

Conhecimentos prévios necessários (conceitos dominados pelos estudantes):
--

Compreender o Holocausto e seu contexto histórico.
--

Metodologia

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Diálogo inicial com os estudantes, com retomada dos principais pontos sobre o Holocausto. 2. Retomar alguns pontos das últimas aulas, lembrar os estudantes o que é negacionismo e como os historiadores escrevem a História (análise de fontes, revisão bibliográfica...) 3. Indicar aos estudantes que a existência do Holocausto é considerada um consenso acadêmico entre os historiadores. 4. Apresentar David Irving enquanto um autor negacionista do Holocausto. Destacar que o inglês não era historiador de formação, e sim um autodidata. 5. Explicar o que foi o Relatório Lautcher (documento que negava o uso das câmaras de gás no genocídio) e como este influenciou a obra de Irving. Pontuar que o relatório contava com uma série de erros de análise. 6. Apresentar Deborah Lipstadt, destacando que a historiadora estudava o movimento de negação ao Holocausto. 7. Exibir as capas dos livros “A Guerra de Hitler” (Irving, 1991) e “O Crescente Ataque à Verdade e à Memória” (Lipstadt, 1993). Apontar as principais características das obras, destacando como o livro de Irving se utiliza da deturpação de fatos para negar a existência do Holocausto e como a obra de Lipstadt buscou denunciar esses ataques à verdade histórica. 8. Analisar, junto aos estudantes, um trecho no qual Lipstadt aponta as diferenças nas edições de 1977 e 1991 da obra “A Guerra de Hitler”. De modo a reconhecer a incorporação do discurso negacionista na obra de Irving. 9. Explicar que Irving participava de movimentos neonazistas no Reino Unido, destacando, portanto, que sua escrita não era neutra e estava conectada a questões ideológicas. 10. Questionar aos estudantes quais podem ser as consequências do negacionismo histórico no presente. 11. Discutir sobre a memória das vítimas e como a negação ao Holocausto e demais eventos de violência na história abrem margem para a repetição de discursos violentos e discriminatórios contra minorias no presente. 12. Encerramento da aula, com abertura para eventuais questões dos estudantes. |
|---|

Recursos Didáticos

Voz e projetor multimídia.

Avaliação

A avaliação será processual, com a observação do engajamento dos estudantes nas discussões e na realização das atividades propostas como critério adotado.

Referências

LIPSTADT, Deborah. *Negação: uma história real*. Universo dos Livros. São Paulo: 2017.

LOBATO, Nailton. *História e negacionismo: um estudo a partir do caso David Irving vs Deborah Lipstadt*. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Amapá. Macapá: 2023.

Aula 4

Disciplina:		História			
Ano (série):	9º	Nível:	Fundamental		

Tema

A desinformação no universo digital: <i>fake news</i> , pós-verdade e bolhas digitais.
--

Objetivos

Objetivo geral:	Combater a desinformação no ambiente digital.
------------------------	---

Objetivos específicos:	Promover a análise crítica de informações recebidas no ambiente digital. Compreender a intencionalidade por trás da difusão de notícias falsas nas redes sociais, considerando os aspectos político-econômicos por trás do maquinário da desinformação. Reconhecer os padrões de linguagem e estética das notícias falsas. Relacionar as bolhas digitais e a pós-verdade na internet com a disseminação de notícias falsas.
-------------------------------	---

Habilidades Previstas na BNCC e Currículo Referência MG
--

Competência Específica de História para o Ensino Fundamental (BNCC):

Competência 7: Produzir, avaliar e utilizar tecnologias de digitais da informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

Habilidade de Língua Portuguesa (BNCC):

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo. Fonte, data e local de publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc.

Conteúdo
Notícias falsas nas redes sociais. O funcionamento das bolhas digitais na internet. A manipulação dos afetos nas notícias falsas (pós-verdade).

Conhecimentos prévios necessários (conceitos dominados pelos estudantes):
Capacidade de leitura e interpretação de notícias.

Metodologia
1. Diagnóstico Inicial e aproximação com a temática. Iniciar a aula com um diálogo com os estudantes sobre suas experiências com notícias falsas: perguntar se já tiveram contato com notícias falsas nas redes sociais e, em caso afirmativo, quais. 2. Definir e apontar as principais características das notícias falsas. Apresentar a definição de notícia falsa, diferenciando-a de erros jornalísticos, evidenciando o caráter intencional da primeira. Após esse momento, perguntar aos estudantes quais podem ser as razões por trás da criação e disseminação de notícias falsas (ganho político, financeiro...). 3. Retomar alguns aspectos aprendidos nas duas aulas anteriores referentes ao negacionismo. 4. Atividade de reconhecimento de notícias falsas. Exibir uma sequência de imagens contendo notícias verdadeiras e falsas. Orientar os estudantes a identificarem as peças apresentadas individualmente, sem compartilhar as respostas. Finalizar a atividade, com uma correção comentada, discutindo com os estudantes a partir de quais critérios eles julgaram se as notícias apresentadas eram verdadeiras ou falsas. 5. Anotar algumas das respostas dos estudantes na lousa, de modo a sistematizar um manual para a identificação de notícias falsas. Espera-se que contenha aspectos como erros gramaticais, títulos chamativos, sensacionalismo e ausências de fontes. 6. Realizar uma exposição dialogada definindo bolhas digitais e explicando seu funcionamento nas redes sociais. Relacionar com a disseminação de notícias

falsas nos ambientes digitais, indicando aos estudantes que esses espaços são propícios para isso.

7. Discutir com os estudantes a pós-verdade, de modo a esclarecer como esta dialoga diretamente com a epidemia de desinformação no mundo digital. Destacar o papel central do apelo às emoções, característica principal da pós-verdade, nas notícias falsas. Por fim, relacionar com uma das notícias exibidas na atividade anterior.
8. Encerramento da aula e fechamento do projeto, destacando a importância da leitura crítica de informações recebidas nas redes sociais.

Recursos Didáticos

Voz e projetor multimídia.

Avaliação

A avaliação será processual, com a observação do engajamento dos estudantes nas discussões e na realização das atividades propostas como critério adotado.

Referências

WARDLE, Claire. *Entender a desordem informacional*. Ed 2. First Draft, 2020. Disponível em: https://firstdraftnews.org/wpcontent/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x75440. Acesso em: 19 ago. 2025.

8. Considerações Finais

Abordamos ao longo deste trabalho algumas das manifestações mais comuns da desinformação no ambiente digital. Concluímos que este fenômeno é resultado de um projeto que, de maneira intencional, busca desinformar para ganhos políticos, ideológicos e financeiros. Enquanto estratégia articulada, os agentes propagadores da desinformação se aproveitam das dinâmicas próprias das redes sociais - como a velocidade de circulação, a lógica algorítmica e a segmentação de públicos- para ampliar seu alcance.

A educação midiática entra como instrumento indispensável para o combate à desinformação. A educação midiática deve ser entendida como parte integral da formação cidadã, de modo a capacitar os estudantes a identificar fontes confiáveis, reconhecendo discursos manipuladores e conteúdos enganosos nas plataformas digitais. Como destacam Ferrari, Machado e Ochs (2020 apud Almeida e Frenedozo, 2024, p. 4), não se deve confundir educação midiática com letramento digital. Enquanto este objetiva a construção da fluência com as ferramentas digitais (aprender a utilizar computadores e celulares, por exemplo), a educação midiática: “(...) é um conceito mais afinado com a reflexão e com as responsabilidades e oportunidades decorrentes das mensagens que recebemos e produzimos”.

Nesse sentido, Buckingham (2022, p. 18) indica que a educação midiática não deve se limitar à capacitação técnica, mas “(...) deve também implicar um entendimento crítico profundo como a mídia [digital] funciona, como comunica, como representa o mundo e como é produzida e usada”. Dessa forma, a educação midiática contribui para a formação de uma postura crítica diante do consumo e produção das informações e, portanto, para o fortalecimento da cidadania.

Sobre o papel do ensino de História no combate à desinformação, compreendemos que este pode oferecer instrumentos para a análise crítica de narrativas, a interpretação crítica de fontes e o reconhecimento das intenções políticas e ideológicas contidas em discursos. A partir disso, apoia-se o estudante para identificar e combater discursos negacionistas, os quais representam um grande risco para sociedade, pois alimentam ódio contra minorias no presente e abrem margem

para a promoção de práticas autoritárias que atentam contra os princípios democráticos.

Por fim, devemos ficar atentos à constante atualização das ferramentas utilizadas para propagar a desinformação. Temos como exemplo o uso de inteligências artificiais, capazes de gerar imagens, vídeos e textos para a criação de conteúdos enganosos que certamente há de se intensificar no futuro próximo. Devemos, portanto, acompanhar as novas formas de desinformação para sermos capazes de atualizar os instrumentos de combate contra esta prática tão nociva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Arthur. Sete Magníficas valem mais de 8 vezes o PIB do Brasil em valor de mercado. *Exame Invest*, 10 jul. 2025. Disponível em: <https://exame.com/invest/mercados/empresas-colossais-sete-magnificas-valem-oito-vezes-mais-que-o-pib-do-brasil/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

ALENCAR, Yasmin. Nikolas Ferreira lidera ranking de políticos mais influentes no Instagram, seguido por Bolsonaro. *Revista Oeste*, 24 jul. 2025. Disponível em: <https://revistaoeste.com/politica/nikolas-ferreira-lidera-ranking-de-politicos-mais-influentes-no-instagram-seguido-por-bolsonaro/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

Z

ALMEIDA, Cinara. FRENEDOZO, Rita. Um desafio em questão: educação midiática nos espaços escolares. *Revista Caderno Pedagógico*, vol 21, n.4, pp. 1-10. Curitiba, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/3745>. Acesso em: 20 ago. 2025.

ARÃO, Cristian. A Caixa de Pandora da extrema direita: como as redes sociais contribuem para o enfraquecimento da democracia. *Veritas (Porto Alegre)*, [S. l.], v. 70, n. 1, p.1-16, 2025. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/46759>. Acesso em: 19 ago. 2025.

ARAÚJO, Carlos. O fenômeno da pós-verdade: uma revisão de literatura sobre suas causas, características e consequências. *Revista de Comunicação, Cultura e Política (PUC-Rio)* v. 20, n. 41, p. 34 - 48. Rio de Janeiro: 2020.

BBC NEWS BRASIL. Conservadores confirmam vitória na Alemanha e direita radical tem votação recorde. *BBC News Brasil*, 23 fev. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx28v597pelo>. Acesso em: 19 de ago. 2025.

BITTENCOURT, Circe. Documentos não escritos. In: BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. Cortez: São Paulo, 2018, pp. 351-378.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 4 set. 2025.

BUCCI, Eugênio. Pós-política e corrosão da verdade. *Revista USP*, n. 116 p. 19-30. São Paulo: mar. 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/146574>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BUCKINGHAM, David. *Manifesto pela Educação Midiática*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2022.

CIGARRO: o pai do negacionismo moderno. *Ciência Suja*, 2021. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EBpMsS2ODVA>. Acesso em: 30 ago. 2025.

CHARLEAUX, Lupa; TOLEDO, Victor. Machine Learning: o que é, como funciona e quais são os tipos de aprendizado de máquina. *Tecnoblog*, 27 set. 2024. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/machine-learning-o-que-e-como-funciona-e-quais-sao-os-tipos-de-aprendizado-de-maquina/>. Acesso em: 29 set. 2025.

DAMASCENO, Gabriel; RODRIGUES, Thalissa; RABELO, Gustavo. O uso de dados pessoais pelo Twitter: big techs e a formação de bolhas sociais e a submissão política da sociedade ao colonialismo de dados. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia*, vol. 50, n.1, pp. 297-317. Uberlândia: 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistafadir/article/view/67572>. Acesso em: 20 ago. 2025.

DE ANDRADE, André. Liberdade de Expressão e Discurso de Ódio. *Revista da EMERJ*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 9–34, 2021. Disponível em: <https://ojs.emerj.com.br/index.php/revistadaemerj/article/view/493>. Acesso em: 19 ago. 2025.

DW BRASIL. Ultradireitista AfD é o partido alemão mais popular no TikTok. *Deutsche Welle*, 4 jun. 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ultradireitista-afd-%C3%A9-o-partido-alem%C3%A3o-mais-popular-no-tiktok/a-69269772>. Acesso em: 19 ago. 2025.

EXAME NEGÓCIOS. Com 500 mil assinantes, Brasil Paralelo quer evitar polêmicas e sonha ser “a Disney brasileira”. *Exame*, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://exame.com/negocios/com-500-mil-assinantes-brasil-paralelo-quer-evitar-polemicas-e-sonha-ser-a-disney-brasileira/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

G1. Youtuber Júlio Cocielo é criticado por comentário sobre Mbappé: “conseguiria fazer uns arrastões top na praia”. *G1 Tecnologia*, jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/youtuber-julio-cocielo-e-criticado-por-comentario-sobre-mbappe-conseguiria-fazer-uns-arrastao-top-na-praia.ghtml>. Acesso em: 4 set. 2025.

G1. Xenofobia contra nordestinos na época da eleição fez número de denúncias disparar na internet, mostra pesquisa. *G1 Tecnologia*, fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/02/08/xenofobia-contra-nordestinos-na-epoca-da-eleicao-fez-numero-de-denuncias-disparar-na-internet-mostra-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 19 ago. 2025.

LIEBEL, Vinicius. O Populismo de direita e suas estratégias de sobrevivência na Alemanha: o Alternativ für Deutschland (AfD). *Tempos Conservadores: estudos críticos sobre as direitas*. Goiânia, vol 3, pp. 104-135, 2020. Disponível em: <https://temposconservadores.blogspot.com/2020/01/saiu-o-volume-3-tempos-conservadores.html>. Acesso em: 19 ago. 2025.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Currículo Referência de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br>. Acesso em: 4 set. 2025

NGANGA, João. História e propaganda: possíveis interações e reflexões. *Cadernos do Tempo Presente*, n. 28, pp. 41-53. Aracajú: jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/9443>. Acesso em: 30 ago. 2025.

OCDE. The OECD Truth Quest Survey: Methodology and findings. *OECD Digital Economy Papers*, n. 369. Paris: 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/92a94c0f-en>. Acesso em: 20 ago. 2025.

PELLIZZARI, Bruno; JUNIOR, Irineu. Bolhas sociais e seus efeitos na sociedade da informação: ditadura do algoritmo e entropia na internet. *Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias*, vol. 5, n. 2, pp. 57-73. Belém: dez. 2019. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistadgnt/article/view/5856>. Acesso em: 20 ago. 2025.

PICOLI, Bruno; CHITOLINA, Vanessa; GUIMARÃES, Roberta. Revisionismo histórico e educação para a barbárie: a verdade da "Brasil Paralelo". *Revista UFG*, Goiânia, v. 20, n. 26, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/64896>. Acesso em: 19 ago. 2025.

RADIO USP. Teorias da conspiração e desinformação explicam hesitação vacinal em países de língua portuguesa. *Jornal da USP*, 24 nov. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/teorias-da-conspiracao-e-desinformacao-explicam-hesitacao-vacinal-em-paises-de-lingua-portuguesa/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

SHINN, Terry. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. *Scietle studia*, vol. 6, n.1, pp. 43-81. São Paulo: 2008.

SIEBERT, Silvânia; PEREIRA, Israel. A pós-verdade como acontecimento discursivo. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 20, n. 2, p. 239-249, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&id=W3084357894>. Acesso em: 20 ago. 2025

SILVA, Diego. *Sobre o negacionismo no ciberespaço: a “enciclopédia alternativa” metapedia e sua proposta de educação histórica*. Tese (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/4848>. Acesso em: 19 ago. 2025.

TREVISAN, Amarildo; CARETTA, Patrício. O dilema da pós-verdade em tempos de promessas não cumpridas. *Cadernos Zygmunt Bauman*, vol. 12, n. 29. Santa Maria: 2022. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/19488>. Acesso em: 19 ago. 2025.

UOL NOTÍCIAS. Eleitores de Trump acreditam que imigrantes comem pets. *UOL Notícias – Internacional*, 17 set. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2024/09/17/eleitores-trump-acreditam-imigrantes-comem-pets.htm>. Acesso em: 20 ago. 2025.

UOL NOTÍCIAS. Nordeste é alvo de xenofobia nas redes após resultado do 1º turno. *UOL Notícias*, 5 out. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/10/05/nordeste-e-alvo-de-xenofobia-nas-redes-apos-resultado-do-1-turno.htm>. Acesso em: 19 ago. 2025.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre; BEVERNAGE, Berber. Negacionismo: História, Historiografia e Perspectivas de Pesquisa. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v 41, n 87, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/mKqygYCgFLmDBCNWmVKJ4gd/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2025.

VALOR ECONÔMICO. Resultado do 1º turno provoca onda de mensagens contra o Nordeste. *Valor Econômico*, 9 out. 2018. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/10/09/resultado-do-1o-turno-provoca-onda-de-mensagens-contr-o-nordeste.ghtml>. Acesso em: 19 ago. 2025.

WAGNER, Giovanna. *Democracia em algoritmos: perspectivas sobre ciberdemocracia, Big Techs e o papel das redes sociais no crescimento da extrema-direita contemporânea*. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília. Brasília: 2024. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/17500>. Acesso em: 20 ago. 2025.

WARDLE, Claire. *Entender a desordem informacional*. Ed 2. First Draft, 2020. Disponível em: https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x75440. Acesso em: 19 ago. 2025.

WÜNSCH, Silke. Como ultradireita se infiltra na cultura da juventude alemã. *Deutsche Welle*, 30 mai. 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-ultradireita-se-infiltra-na-cultura-da-juventude-alem%C3%A3/a-69225130>. Acesso em: 19 ago. 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MATERIAIS DIDÁTICOS AULA 1

ROTEIRO DE ANÁLISE I

Após assistir ao vídeo, responda às seguintes questões:

- 1-) Que tipo de produção audiovisual é o vídeo exibido?
- 2-) Baseado na resposta anterior, qual é o objetivo desse tipo de produção audiovisual?
- 3-) Quais sentimentos e/ou sensações você acredita que os criadores do vídeo querem evocar no público que o assiste?
- 4-) O vídeo exibido foi veiculado em **1976** por emissoras de televisão aberta no Brasil. Dito isso, você acredita que os males associados ao cigarro para a saúde já eram conhecidos e divulgados pela ciência? Justifique sua resposta.

ROTEIRO DE ANÁLISE II

Leia o trecho retirado de uma matéria da revista Superinteressante e em seguida responda à questão abaixo.

(...) pois essa goleada fenomenal sobre a indústria da fumaça seria impossível sem outro herói que, exatos 40 anos antes, começou a desvendar os vínculos entre cigarro e câncer. A história tem os personagens e os ingredientes de uma fábula: um médico, alguns ratos mártires, uma longa batalha solitária. O médico era Ernst Wynder (1922-1999), um judeu alemão que fugiu do nazismo na Alemanha e se estabeleceu nos Estados Unidos. Em 1953, Wynder começou uma experiência curiosa: pincelou o dorso depilado de 86 ratos com uma substância extraída da fumaça do cigarro *Lucky Strike*.

Cada ratinho recebeu semanalmente, por dois anos, 40 gramas de alcatrão destilado, mais ou menos a mesma quantidade presente num maço de cigarros. O resultado: dos 62 que chegaram ao final do experimento, 58% tinham desenvolvido tumores cancerígenos. Nos 20 meses seguintes, 90% dos ratos haviam morrido. Num grupo de roedores que não tinham recebido a substância, 58% sobreviveram.

Claro que as descobertas de Wynder não foram bem recebidas pela indústria do tabaco. Era a primeira vez que um estudo realizado sob condições rigorosas comprovava que o fumo causa câncer. Amplamente divulgada pela mídia na época, a descoberta foi responsável por uma queda de 10% no consumo de cigarros per capita nos Estados Unidos entre 1953 e 1954. (Superinteressante, 2016). *Editado para fins pedagógicos

1-) Por que, apesar dos malefícios do cigarro já serem conhecidos pela ciência desde **1953** com os experimentos conduzidos por Ernst Wynder, empresas do ramo do tabaco, como a Arizona, continuaram exibindo comerciais em televisão aberta?

Fontes utilizadas na atividade:

PROPAGANDAS ANTIGAS. Arizona Cigarro Comercial 1976. Youtube, 2018.
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=as_cv6ws1a8. Acesso em: 30 ago. 2025.

SARMATZ, Leandro. Médico, Ernst Wynder. *Superinteressante* – Abril, 2016.
Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/medico-ernst-wynder/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

APÊNDICE B – MATERIAIS DIDÁTICOS AULA 2

ATIVIDADE “O Historiador agora é você!”

- 1.) Diferencie fontes históricas materiais e imateriais. Em seguida, cite dois exemplos de cada.
- 2.) Imagine que você é um historiador e precisa realizar a análise crítica da seguinte fonte:



Cena de Família Idílica com recém-nascido. (Segunda metade do século XIX, data exata desconhecida). Autor: Eugenio Zampighi (1838-1944). Fonte: Wikipedia Commons.

- a-) A pintura acima é uma fonte material ou imaterial?
- b-) Identifique os principais elementos da pintura (quem são as pessoas, quais objetos, etc.)
- c-) Considerando que essa obra foi pintada no século XIX, quais aspectos ela revela sobre o papel da mulher na sociedade dessa época? Quais elementos da pintura você utilizou para chegar nessa resposta?

Fonte utilizada na atividade:

ZAMPIGHI, Eugenio. *Idyllic Family Scene with Newborn*. [data desconhecida]. Pintura, óleo sobre tela. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Eugenio_Zampighi_-_Idyllic_Family_Scene_with_Newborn.jpg. Acesso em: 30 ago. 2025.

Slides de acompanhamento da aula

SOUZA, Rafael. *O que são fontes históricas?*. Slides PowerPoint. Uberlândia, 2025. Disponível em:
https://docs.google.com/presentation/d/13_2nkWi3j4GvYGXHoy1Tm3SBIT5XCr5B/edit?usp=share_link&ouid=101186907608772200659&rtpof=true&sd=true. Acesso em 8 set. 2025.

APÊNDICE C – MATERIAIS DIDÁTICOS AULA 3

Slides para acompanhamento da aula

SOUZA, Rafael. *Negacionismo Histórico: a negação do Holocausto*. Slides PowerPoint. Uberlândia, 2025. Disponível em: https://docs.google.com/presentation/d/1HxL3sGWUCWJMJ9a0_86nMVCtxUJqz5FR/edit?usp=share_link&ouid=101186907608772200659&rtpof=true&sd=true. Acesso em: 8 set. 2025.

APÊNDICE D – MATERIAIS DIDÁTICOS AULA 4

Slides para acompanhamento da aula

SOUZA, Rafael. *Atividade: reconhecimento de notícias falsas*. Slides PowerPoint. Uberlândia, 2025. Disponível em: https://docs.google.com/presentation/d/1hL_hQ1obH0Ni1BtlgkMzzevy7MEGCKQ9/edit?usp=share_link&ouid=101186907608772200659&rtpof=true&sd=true. Acesso em: 8 set. 2025.